

Linguagem e constituição psíquica

Sonia Pereira Pinto da Motta*

***O humano estará enlaçado
desde sempre nas malhas da linguagem***

O humano não pode engendrar-se a si mesmo. A constituição psíquica de um sujeito só se dá mediante a construção de um laço estruturante, que inclui, necessariamente, três elementos: função paterna, função materna e bebê, postos sob a égide do simbólico – campo eminentemente humano, cuja essência é o significante. Assim, consideramos que o ninho humanizante é o simbólico, e que o homem fala porque o simbólico o fez homem. A linguagem está, pois, profundamente enraizada, como instância de subjetivação, na constituição psíquica.

Chamamos mãe àquele que exerce a função de integrar o bebê ao simbólico; porta-voz da língua, inocula-a no *infans*, supondo nele um sujeito falante. A mensagem que faz marca é aquela que transita pela dimensão desejante, afetando toda a sensorialidade do bebê.

Esse acesso ao simbólico, que se dá pela identificação da criança ao discurso da mãe, passa pelo corpo, onde serão inscritos a fogo do desejo do outro materno, os traços do investimento endereçado ao bebê. Estas serão marcas de prazer e farão parte da montagem psíquica do bebê e de seu corpo tornado erógeno.

É pela alternância presença-ausência da mãe, que as operações de alienação e separação, operações fundantes do sujeito no campo do Outro, poderão efetivar as primeiras voltas da estrutura psíquica.

A apropriação do *infans* pela linguagem vai-se dando desde antes do nascimento, com a escolha de um nome e um projeto de filho. A partir do nascimento, desde sinais mínimos do bebê, a mãe em função antecipa-se e interpreta o organismo real do bebê, atribuindo-lhe demandas e intenções. É desse lugar que o bebê “responderá” e poderá fazer sua assunção à posição de sujeito, portador de uma língua.

A musicalidade e a prosódia da voz materna exercem função subjetivante, pela proximidade que esta tem ao inconsciente. Mas o que é determinante na constituição do sujeito, para além da escuta do som humano (embora este exerça enorme pregnância na estruturação psíquica), é a potencialidade significante da voz materna. Esta caracteriza-se pelo endereçamento, pela direção, pela convocação inequívoca ao bebê, para que venha ocupar seu lugar legítimo de filho da linguagem.

O ser humano “é” na linguagem porque não há outro modo de reconhecer o que deseja e manter-se vivo.

*Psicóloga. Psicanalista. Membro efetivo da Associação Brasileira de Neuropediatria Infantil – ABENEPI.
Email: mottasonia@hotmail.com